

UMA REVISTA DA DITADURA À DEMOCRACIA: CULTURA, POLÍTICA E HISTÓRIA EM “PUNTO DE VISTA” (1983-1994)¹

RAPHAEL NUNES NICOLETTI SEBRIAN²

Os intelectuais, atores, autores e intérpretes da política e da cultura, críticos permanentes do *status quo*, inúmeras vezes utilizam a imprensa para difundir suas idéias, tornando-se os periódicos espaços privilegiados de debate intelectual em diferentes épocas. As investigações históricas nas quais se busca interpretar as dimensões culturais e políticas em/de revistas são cada vez mais comuns e têm sido elaboradas, muitas vezes, a partir dos pressupostos da História Intelectual, área que se caracteriza pela pluralidade e por “correntes interpretativas” nem sempre facilmente identificáveis.

Jean-François Sirinelli, em seu estudo publicado na conhecida antologia organizada por René Rémond, debruça-se sobre a constituição da História Intelectual como campo autônomo de estudo nas últimas décadas. Sirinelli mostra que, nesse âmbito, as revistas são objetos privilegiados de análise: “Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão” (SIRINELLI, 2003, p. 249).

Buscar-se-á, neste estudo, analisar e interpretar a revista **Punto de Vista**, tomada como fonte e objeto, no período compreendido entre 1983 e 1994, em um esforço de inserir o estudo das idéias debatidas e veiculadas pela revista no referido período e o estudo de seus produtores, os intelectuais, no contexto de sua produção, difusão e recepção. A periodização é delimitada pelo ano de 1983, término da ditadura militar na Argentina, que marca o início da redemocratização, e pelo ano de 1994, uma época de releitura e reinterpretção, no interior do periódico, do material produzido até aquele momento – linhas, tendências, interpretações, conquistas e fracassos. O ano de 1994 é entendido aqui, para a revista, como fechamento de um ciclo, na medida em que o último número daquele ano, o número 50, de novembro, reproduziu integralmente o editorial anteriormente publicado em julho de 1981 e tal reprodução foi complementada por dois

¹ Apoio: FAPEMIG.

² Docente da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação da professora Maria Helena Rolim Capelato.

textos analíticos importantíssimos, de Sarlo e Altamirano, nos quais os autores situaram a revista em relação às questões do passado e do presente. Enfim, nessa proposta contemplar-se-á, concomitantemente, “a dimensão diacrônica (histórica) e sincrônica (‘os aspectos diferentes de um mesmo conjunto em um mesmo momento de evolução’)” (RODRIGUES [DA SILVA], 2003, p. 19).

Analisar as idéias políticas em uma revista cultural significa compreender, como assinalou Maria Helena Rolim Capelato (2005, p. 349),

o universo das idéias não como um contexto no qual se situa o trabalho intelectual, mas relacionado ao mundo social e político no qual ele se insere. As idéias não são entendidas, portanto, como algo exterior a esse mundo, mas como substância mesma da tarefa dos intelectuais que se expressam, através das idéias – suas matérias-primas – sobre a realidade vivida, que eles procuram, ao mesmo tempo, traduzir e modificar.

As revistas culturais configuram um conjunto ou espaço de discursos múltiplos, polifônicos, inclusive contraditórios, que “só se deixam ler a partir da relação texto-contexto” (CAPELATO, 2005, p. 348), discursos intimamente vinculados ao momento de aparecimento e de desenvolvimento da revista, no caso específico de **Punto de Vista**, a ditadura militar e o a redemocratização na Argentina. Assim, as revistas “permitem captar com grande nitidez um estado de permeabilidade dos discursos, uma espécie de latência prévia à sua consolidação em ideologias culturais, em conjuntos articulados de idéias e valores (SCHWARTZ; PATIÑO, 2004, p. 648). Tal estado de mobilidade do pensamento e da sensibilidade permite uma série de diversos entrecruzamentos, novos e mesmo contraditórios, inimagináveis *a priori*.

Nesse sentido, lembram Jorge Schwartz e Roxana Patiño, Beatriz Sarlo – a intelectual mais importante desde o início da publicação de **Punto de Vista** e diretora da revista, oficialmente, desde o número 12, de julho-outubro de 1981, número de aparecimento oficial do conselho diretor e da “carta de intenções” do periódico (mas diretora de fato do início ao término da revista, em 2008) – pensa as revistas como “bancos de prova” ou “laboratórios de idéias” de operações intelectuais que logo se consolidam no campo cultural ou fracassam e caem em desuso (SCHWARTZ; PATIÑO, 2004, p. 648). É importante refletir, trilhando caminhos indicados por Capelato (2005), acerca do sentido político específico de uma revista que se define como cultural, no intuito de “mostrar de que forma cultura e política se entrecruzam nessa publicação”.

Os intelectuais que deram origem à **Punto de Vista** formaram-se (academicamente e

politicamente) nas décadas de 1960 e 1970 e um exame da bibliografia concernente à configuração do “campo intelectual” argentino nas décadas de 1960 e 1970, na qual se procurou compreender, entre outras questões, de que forma os intelectuais se posicionaram diante da ditadura iniciada em 1976, revela uma espécie de “pressuposto” de que não seria possível entender tal “configuração de campo” sem olhar, atentamente, para o advento do peronismo, desde suas origens “oficiais” (em 1943) até seus desdobramentos políticos anteriores à instauração do regime ditatorial (1973), ou, como diz Sarlo, analisar o período marcado “pelo surgimento, a queda, a proscricção e o regresso do peronismo” (SARLO, 2007, p. 16, tradução nossa).

No caso específico dos intelectuais vinculados à **Punto de Vista** – periódico surgido em 1978 –, esses fizeram parte, como ouvintes ou protagonistas, dos debates suscitados pelo peronismo que se desdobraram na década de 1960, com o golpe militar, e no início da década de 1970, com o retorno de Perón. Participaram também, direta ou indiretamente, das discussões elaboradas por indivíduos ou instituições que delinearam caminhos na “batalha das idéias” travada entre as décadas de 1940 e 1970. Nesse período de três décadas também se definiram, como ressalta Sarlo, alguns debates de cunho cultural que adquiriram, como era comum na época, significado ou uso político.

A posição social e intelectual dos fundadores de **Punto de Vista** em fins da década de 1970 era, sucintamente, a seguinte: Beatriz Ercilia Sarlo Sabajanes, Carlos Washington Altamirano e Ricardo Piglia, nascidos, respectivamente, em 1942, 1939 e 1940, tinham concluído suas graduações em Letras (Sarlo e Altamirano) e História (Piglia) por diferentes universidades argentinas nos anos 1960 e atuavam, desde meados dessa década, em diferentes áreas, publicando seus primeiros ensaios, artigos e textos. Segundo relato de Sarlo, em meados de 1977, os três se encontraram em um café de Buenos Aires. Haviam dividido a experiência da direção da revista **Los Libros**, que circulou entre 1969 e 1976 e foi fechada pelos militares neste ano. A idéia dos três no encontro de 1977 era restabelecer alguns vínculos mínimos entre intelectuais, o que conseguiram, ainda que tenuamente. Piglia estava vinculado a alguns conhecidos que pertenciam à Vanguarda Comunista, pequeno partido da esquerda revolucionária, dentre os quais Elias Semán, um dos líderes, decidiu se aproximar dos jovens intelectuais e dialogar acerca de suas idéias e propostas.

Os jovens debatiam o marxismo, o “socialismo real” (que repudiavam), as táticas

revolucionárias e a guerrilha. Tais temas eram discutidos em encontros nos quais, em pouco tempo, passaram a problematizar também o espaço cultural. Desses primeiros encontros surgiu a proposta de convocar alguns conhecidos para reuniões nas quais seriam discutidas questões da história literária e cultural da Argentina – deram às reuniões o nome de “Salón Literario”, as quais foram realizadas, por mais de um ano, nas dependências do Centro Editor de América Latina, dirigido por Boris Spivacow, instituição na qual Altamirano e Sarlo trabalharam e pela qual publicaram seus primeiros livros.

Em fins de 1977, decidiram criar uma revista. Como não havia recursos para financiá-la, a Vanguarda Comunista disponibilizou algumas provisões até o número 03, aproximadamente, vinculação perigosa do ponto de vista político, mas que garantiu a sobrevivência do periódico, em vias de fracassar logo no seu início – dos dois primeiros números, segundo Sarlo, provavelmente foram vendidos pouco mais de 100 exemplares, dos cerca de 3.000 impressos. Os vínculos com a Vanguarda Comunista permaneceram em segredo inclusive para os colaboradores mais próximos. Contudo, a quase “invisibilidade” da revista, negativa no que se refere à repercussão do empreendimento, permitiu que o periódico sobrevivesse em circunstâncias bastante sombrias. Apesar disso, em pouco tempo jovens universitários se aproximaram da revista.

Os três procuraram, então, Jorge Sevilla, antigo presidente da Associação Argentina de Psicólogos – conhecido de Hugo Vezzetti, que colaborou desde o início no projeto da revista –, que aceitou assumir a direção de fachada da revista para que a publicação não circulasse anonimamente, o que levantaria suspeitas. Os contatos da Vanguarda Comunista indicaram Carlos Boccoardo, artista plástico que havia trabalhado em um periódico revolucionário do início dos anos 1970, para a diagramação da revista; ele se encarregou de desenhar o logotipo da revista, que se manteve até o último número. Estabeleceram contato com María Teresa Gramuglio e com Nicolás Rosa, que se mudaram para Buenos Aires após sofrerem ameaças na universidade em que lecionavam, em Rosario.

O primeiro número de **Punto de Vista** foi publicado em Buenos Aires, em março de 1978. A revista surgiu em uma “circunstância sombria”, numa conjuntura de enfrentamento de um regime ditatorial que impunha inúmeras restrições aos intelectuais. O periódico representava uma tendência de resistência cultural e política

em uma época de desmandos e horror, capaz de mostrar que a produção intelectual argentina não havia sido extinta pelo regime (TERÁN, 2004, p. 88).

Carlos Altamirano, Ricardo Piglia e Beatriz Sarlo deram início, portanto, à elaboração de **Punto de Vista** de forma semiclandestina, cuidando principalmente para manter em segredo a vinculação política do periódico, representada então por militantes da Vanguarda Comunista que desapareceriam em agosto de 1978: Elias Semán, Rubén Kristkausky e Abraham Hochman. Depois do desaparecimento desses e de praticamente todos os integrantes do partido, houve uma discussão acerca dos riscos iminentes em manter a revista, uma vez que os militantes conheciam os vínculos entre o partido e o periódico e podiam, em uma das brutas sessões de tortura, revelá-los. Decidiu-se que a publicação era tão invisível que seria possível arriscar e seguir sua publicação. Aprofundou-se a certeza de que o vínculo inicial da revista com a Vanguarda Comunista deveria permanecer em absoluto segredo. Tratava-se, por meio dos riscos corridos por esses e outros intelectuais, de assegurar um espaço precário de publicação para alguns críticos, escritores e artistas que estavam desarticulados, por conta da repressão, tanto no meio acadêmico quanto no campo cultural. Afinal, **Punto de Vista**, para o grupo de intelectuais que inicialmente a dirigiu, deveria ser uma revista de “disidencia intelectual, que tuviera un papel activo en lo que se definía como lucha democrática contra la dictadura militar que ya estaba gobernando en la Argentina”, como disse Carlos Altamirano em entrevista a Javier Trímboli.

Conforme assinala Terán, observando-se os dezoito números de **Punto de Vista** editados entre março de 1978 e dezembro de 1983, pode-se notar como uma publicação inicialmente centrada na literatura progressivamente explicita sua mensagem político-cultural, mais evidentemente a partir do número de julho-outubro de 1981 (TERÁN, 2004, p. 90). O editorial da edição de julho-outubro de 1981 não deixa dúvidas de uma tendência que se construía na revista, vinculada a uma tradição de contestação nacional, protesto contra o autoritarismo e a censura:

En marzo de 1978, apareció el primer número de *Punto de Vista*. Su publicación venía, de algún modo a ejercer un derecho: abrir un ámbito de debate de ideas y elaboración cultural. El derecho a disentir nos parecía, entonces y ahora, una condición básica de la cultura, amenazada material y políticamente.

Reflexionar sobre la historia cultural argentina o latinoamericana, sobre los métodos críticos o las teorías sociales supone un punto de partida: la defensa de la libre discusión y la creación de un lugar – la revista – que permitiera generalizarla. Comprobamos que no existen condiciones aceptables de

producción intelectual donde no puedan circular las ideas, que la censura ejercida sobre la producción cultural, la represión de la diversidad, la intimidación del antagonista, son instrumentos del conformismo correlativo a un estado autoritario.

[...] Esta revista es parte de un espacio cultural que se construye a pesar de la censura y el castigo a las ideas, pero que se construye también positivamente. [...] Se trata de nuestra responsabilidad en la defensa de la libertad de expresión y de pensamiento: que no haya en la Argentina culturas reprimidas o negadas. Y su consecuencia práctica, la creación de un ámbito donde algo de esto sea posible.

Encerrada en los límites de la amenazada producción material, la ciega torpeza del censor, el oscurantismo ultramontano de la universidad estatal, la cultura argentina, para construirse, debe hacerlo en la superación de estos obstáculos: contra la censura, por la diferencia de opiniones y la controversia. Frente a la crisis económica que afecta a las instituciones culturales y las editoriales, y frente a la clausura política, los intelectuales hemos imaginado, en estos años, formas y espacios nuevos para la discusión y circulación de ideas, posiciones, perspectivas. *Punto de Vista* entiende que su actividad hasta ahora, y en el periodo que sigue, pertenece a este horizonte. Ha constituido un Consejo de Dirección para que la fuerza de una práctica diversa y colectiva le permita responder mejor a los requerimientos de esta etapa [...]. (Consejo de Dirección, "Punto de Vista". **Punto de Vista**, Buenos Aires, año IV, n. 12, jul./out. 1981, p. 2, editorial por ocasião da constituição oficial e pública do Conselho de Direção da revista)

Nota-se que, desde seu surgimento, a revista procurou se apresentar como um espaço de debate das questões argentinas e, de forma mais ampla, das questões da América Latina. Se inicialmente o periódico centrava sua produção na discussão literária, desde o início as preocupações políticas podiam ser notadas. O período compreendido entre 1978 e 1981 marca, para a revista, um momento de "silêncios" que confirmavam o óbvio: no período mais crítico e duro do regime militar não havia espaço para um debate aberto acerca de uma democratização da sociedade. Diante dessa impossibilidade, como assinalou Ana Cecilia Olmos, "la preocupación por definir ese espacio de disidencia y de democratización atraviesa de forma subyacente la publicación a través del repertorio de artículos, reseñas y entrevistas que organizan sus páginas" (OLMOS, 2000, p. 35).

Dessa forma, **Punto de Vista** elaborou e praticou uma abertura e difusão do campo cultural ao resenhar publicações argentinas e estrangeiras, discutir exposições de arte ou filmes de outros países, entrevistar intelectuais que residiam em outros países, publicar textos inéditos de escritores argentinos e inclusive dialogar com revistas importantes de outros países, como **Vuelta**, dirigida no México por Octavio Paz. Além disso, e esse é um fato muito significativo, a revista apresentou e incorporou perspectivas teóricas e temáticas até aquele momento pouco conhecidas na Argentina que se constituíram em linhas de atualização e reformulação do campo cultural do país (OLMOS, 2000, p. 36).

Tratava-se, como debateram Sarlo, Altamirano, Vezzetti, Sábato e Adrián Gorelik em entrevista a Daniel Link, de discutir o problema da autonomia da cultura e de encontrar referências que permitissem analisar a cultura como universo autônomo – daí o peso de autores como Bourdieu e Williams –, sem perder de vista as questões políticas.

Após anos de repressão, 1982 e 1983 foram decisivos para a derrocada do regime militar. Manifestações de repúdio à situação política vivenciada naquele momento pela Argentina apareceram repetidamente nos mais diversos âmbitos, inclusive em **Punto de Vista**. Ocasão de efervescência crítica foi a derrota na Guerra das Malvinas: nessa conjuntura, foi publicado um artigo em **Punto de Vista**, intitulado ¿Dónde anida la democracia?, no qual os autores apresentaram uma reflexão acerca dos rumos políticos do país.

Depois da Guerra das Malvinas, Hilda Sábato, escritora que compartilhava com os diretores do periódico o repúdio a essa “aventura final da ditadura” (a guerra), passou a integrar o conselho de direção da revista. A partir de 1983, houve uma ampliação da revista, que incorporou intelectuais que retornavam do exílio e, entre esses, passaram a integrar o conselho de direção José Aricó e Juan Carlos Portantiero. Desde esse ano, **Punto de Vista** abandonou o estado de “marginalidade extrema” e se aproximou de jovens intelectuais, definindo um novo lugar no marco de transição democrática. Nesse processo houve também uma reavaliação das idéias propostas e defendidas pelos primeiros membros diretores da revista, bem como das ações motivadas na primeira metade dos anos 1970 por tais idéias.

O período 1982-1984 foi marcado, na Argentina, por alguns acontecimentos que transformaram a história daquele país que enfrentava, sobretudo no plano político e econômico – houve um caos financeiro em 1981, não por acaso ano em que **Punto de Vista** iniciou seu “processo de abertura” –, dificuldades que levariam ao fim do “Processo de Reorganização Nacional”, nome dado pelos militares à ditadura que durou de 1976 a 1983. O plano econômico gestado pelos “pensadores” do liberalismo autoritário, as crises que se revelavam no interior das forças armadas e a reaparição de manifestações de protesto social motivaram atitudes do presidente Galtieri, que buscava resolver ou encobrir os “problemas”.

A Guerra das Malvinas, erigida em nome do “oportunismo político”, motivou significativa adesão desse empreendimento junto a diversos setores da sociedade argentina.

Além disso, após a reabertura política e a eleição de Raúl Alfonsín configurou-se, gradativamente, um quadro político no qual surgiam “nuevas condiciones para un renacer de la cultura argentina”. Como assinala Terán, a cultura de resistência até então parcialmente escondida e refugiada tornou a aparecer, marcando o retorno ao país de muitos intelectuais exilados e, também, a reestruturação de instituições científicas e acadêmicas, em uma nova pauta de questões e temas.

Evidentemente, essas questões foram debatidas em **Punto de Vista**, que dedicou muitas páginas à análise de temas como: a relação do intelectual com a política, mais especificamente com o processo de democratização; a Guerra das Malvinas, em um registro muito crítico dos acontecimentos; a questão democrática, tendo em vista a abertura democrática; debates sobre a cultura popular e as relações com o peronismo; e – uma das questões mais importantes – as reflexões sobre a esquerda argentina, revisão da cultura de esquerda. O período é importante, ainda, na medida em que nele começou a ser discutida a memória da ditadura – a criação da Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas (CONADEP), por exemplo, ocorreu em 1984 –, e para a sua elaboração colaboraram os intelectuais ligados a **Punto de Vista**, utilizando, por vezes, a revista como espaço de discussão.

A revista havia mudado sua aparência, graças à presença de um novo diagramador e novos desenhistas e ilustradores, que trabalhavam, ainda, em preto e branco (as cores virão apenas no número 21, de agosto de 1984, de forma tímida, ocupando apenas a capa). O primeiro número publicado em 1982 foi o 14 e saiu em março. Publicado com quarenta páginas, quase dez acima da média mantida desde 1978, trouxe diversas entrevistas importantes para compreender os interesses da revista nas tendências historiográficas então em voga e para pensar como elas foram apropriadas. Cresceu, portanto, o número de artigos, resenhas e demais materiais publicados na revista.

O número 15, de agosto de 1982, trouxe inúmeros textos acerca da Guerra das Malvinas, inclusive o artigo coletivo “¿Dónde anida la democracia?”, precedido por um artigo de Carlos Altamirano, “Lecciones de una guerra”. São textos fundamentais para avaliar o impacto da desagregação da ditadura e do advento da Guerra das Malvinas. O número 16, de novembro de 1982, é importante pois marcou a saída de Ricardo Piglia do Conselho de Direção.

Em abril de 1983, foi publicado o número 17 da revista, no qual apareceu um novo

editorial do Conselho de Direção, o primeiro desde aquele publicado em 1981. No novo texto, o tema não poderia ser outro: as eleições marcadas para outubro daquele ano. E a argumentação se desenvolve em um tom de releitura da produção do periódico até aquele momento, bem como de afirmação do posicionamento dos intelectuais vinculados à revista diante da conjuntura de redemocratização:

Punto de vista ha buscado ser, con los medios a su alcance y desde su aparición en marzo de 1978, un vehículo de la disidencia intelectual contra el régimen instalado tras el derrocamiento del gobierno peronista. Nuestra revista no estuvo sola en esa actividad. Otras publicaciones, otras iniciativas, alguna editorial, fueron ejemplares para resistir la peor ofensiva contra todo lo que hubiera de valioso en la cultura argentina. Nada resultó tan estimulante como comprobar, en esos años sombríos, la formación de un campo de solidaridad e interlocución con quienes, en muchos casos, únicamente tomaríamos contacto a través de lo que esa resistencia producía aquí y allá, dispersa pero obstinada. Las alternativas políticas que se avecinan traerán la discusión y la controversia dentro de ese campo; ellas son necesarias y sólo una visión beata de la democracia puede temerlas. Sin embargo, sería olvidar la experiencia de esta década (porque en nuestra memoria debe estar presente toda la década), si cada posición intelectual se convierte en una máquina de guerra intolerante, dispuesta a que suenen nada más que sus argumentos y a demonizar toda diferencia. El terrorismo ideológico no tiene causas buenas y suele preceder o acompañar al otro terrorismo, cuya perversa dialéctica hemos conocido.

Las reconstrucciones de la cultura argentina, de sus instituciones y de sus redes, de todo aquello que ha sido degradado material e ideológicamente, constituirá un desafío para los intelectuales. Porque esa reconstrucción exigirá debate y espíritu crítico, pero también nuevas ideas. Y los intelectuales no deben participar en ella con mentalidad de preceptores o de profetas, sino como ciudadanos. Estas son las apuestas de **Punto de vista**. (Consejo de Dirección, “Editorial”. **Punto de Vista**, Buenos Aires, año VI, n. 17, abril 1983, p. 3)

Os números seguintes apresentam, ainda, outros temas: cultura nacional e cultura popular (número 18) – **Punto de Vista** foi acusada, algumas vezes, de tratar apenas de cultura de um ponto de vista elitista, sem se preocupar com a cultura popular –, revisão do peronismo (número 19) – tema que ocupou diversas páginas da revista até alguns anos após a redemocratização –, discussão da esquerda argentina (números 20 e 21), entre outros, sem se distanciar, obviamente, dos demais temas e enfoques que já eram tradicionais na revista e da prática de divulgação de autores estrangeiros. O número 19, de dezembro de 1983, trouxe um novo editorial, analisando o resultado das eleições e os desafios que se apresentavam naquele momento. O número 22, de dezembro de 1984, se encerra com a “Declaração de princípios do Clube de Cultura Socialista”, agremiação política e intelectual recém-criada e que desempenhará papel importantíssimo na esquerda argentina.

Por seu turno, o período 1983-1989 foi marcado pelo desenvolvimento do governo de Raul Alfonsín, com seus desafios, acertos e erros. Entre 1984 e 1989, **Punto de Vista** se voltou à publicação de artigos de maior densidade acerca de questões teóricas e críticas vinculadas aos seus campos de interesse, ou seja, literatura, história, sociologia, psicologia, entre outros. Desde fins de 1983 a revista cresceu, atingindo, com frequência, mais de cinquenta páginas. O número 19, de dezembro de 1983, teve cinquenta e seis páginas. Nesse momento de aprofundamento das reflexões, em artigos de cunho histórico, teórico e analítico, acerca do material produzido até aquele momento – linhas, tendências, interpretações, conquistas e fracassos, houve uma reavaliação das idéias propostas e defendidas pelos primeiros membros diretores da revista, bem como das ações motivadas na primeira metade dos anos 1970 por tais idéias.

Também foi um momento caracterizado pelas polêmicas entre as revistas de esquerda na Argentina e, no que se refere especificamente a **Punto de Vista**, foi marcado “políticamente por la reflexión sobre el autoritarismo y las tareas de una izquierda laica en la cultura argentina”. A revista continuou discutindo esses temas durante os anos seguintes, sobretudo até 1989, quando, às vésperas do governo Menem, houve um novo momento de debate dos rumos da sociedade argentina. Nesse período a revista se aproxima cada vez mais de referências intelectuais voltadas ao debate das questões contemporâneas – com uma espécie de “modernismo intelectual”, segundo Altamirano – e acredita possível ser parte de uma experiência de esquerda democrática.

As inúmeras medidas tomadas por Alfonsín – criação do CONADEP, condenação dos membros das juntas militares, Lei do Ponto Final, Lei de Obediência Devida – visavam transformar a sociedade argentina e foram motivadas, em vários momentos, pelas pressões sociais ou institucionais (como no caso da Lei do Ponto Final). Eram sinais de que o presidente e sua equipe se esforçavam pela reconstrução da democracia em uma sociedade profundamente fraturada pela experiência ditatorial recente, que inspirava, inclusive, a oposição ao regime de Alfonsín.

Tais desafios governamentais foram acompanhados de inúmeros desafios intelectuais. Afinal, o novo governo substituiu uma ditadura em que o espaço para a elaboração, debate, apropriação e circulação de idéias era extremamente restrito, exceções ficando por conta de âmbitos como as revistas – entre elas **Punto de Vista** – e certas

instituições, como o Centro Editor de América Latina. Os diferentes grupos enfrentaram esses “desafios” de formas diferenciadas, e, no caso de **Punto de Vista**, o enfrentamento se deu, nas páginas da revista, por meio da discussão de alguns temas que visitavam as páginas do periódico desde o início de sua circulação e outros mais recentes, suscitados pela conjuntura de redemocratização.

Os artigos históricos e analíticos destacaram-se a partir de 1984 e é possível perceber a mudança na revista desde a sua capa. O primeiro número no qual a presença desses artigos é mais visível é o número 20, de maio de 1984, e a capa (a primeira colorida) estampava com grande destaque a frase/tema “La izquierda: crisis de una cultura política”. Os artigos que discutem as questões referentes ao tema ocupam quase todo o número, iniciado por um texto de Juan Carlos Portantiero, “Socialismo y Democracia. Una relación difícil”. Outros textos de destaque são os de Oscar Terán, “Una polémica postergada: la crisis del marxismo”, de Beatriz Sarlo, “La izquierda ante la cultura: del dogmatismo al populismo”, além de diversas resenhas.

O número seguinte (21, de agosto de 1984) também trouxe a discussão acerca da esquerda logo na capa. “Imágenes de la izquierda. Historia y cultura” foi o título escolhido, que dividiu espaço com o anúncio de publicação de um importante texto de Habermas e de um não menos importante texto de Terán sobre Michel Foucault, os dois publicados com o intuito de debater a noção de modernidade. A sequência de artigos iniciada pelo texto de Sarlo, “Una alucinación dispersa en agonía” contém, ainda, os textos de Altamirano, “Imágenes de la izquierda”, de José Aricó, “Orígenes del comunismo: para construir una historia no sacra” e de Emilio de Ipola e Juan Carlos Portantiero, “Crisis social y pacto democrático”, e nela se analisa efetivamente o tema do número, ou seja, que imagens a esquerda argentina (e mundial, em menor escala) havia produzido de si e que imagens outros grupos haviam produzido da esquerda. Somados, os números 20 e 21 são momentos essenciais do esforço de **Punto de Vista** para estabelecer parâmetros mais precisos acerca da história da esquerda argentina, de suas linhas, tendências, interpretações, conquistas e fracassos. Como um epílogo à discussão, o número 22, de dezembro de 1984, trouxe a “Declaración de principios do Clube de Cultura Socialista”, assinada por Sarlo, Aricó, Altamirano, Gramuglio, Portantiero, entre outros.

A “Declaración de principios” do clube poderia ser lida, também, como uma declaração

de princípios e de posicionamento de **Punto de Vista** no quadro de posturas definidas como “de esquerda” na sociedade argentina. Evidentemente, a reivindicação de “una nueva reflexión teórica” e de “una nueva cultura política en el area de la izquierda” não foi bem aceita por muitos grupos de esquerda, inclusive por outras revistas de vida curta. Naquele momento, apesar das críticas, **Punto de Vista** continuou refletindo acerca de seu próprio percurso, sem se importar com as interpretações negativas de periódicos como esses aos quais nos referimos.

Impactante: assim se pode definir o número 24, de agosto de 1985, no qual foram publicados textos importantíssimos nos quais se discute, com rigor teórico, de método e a partir de dados, as questões da memória da ditadura. Obviamente, o debate na revista procurava interpretar os debates sociais acerca dos julgamentos dos militares, que levariam, no fim de 1985, à Lei do Ponto Final. “Sobre el juicio a las juntas militares”, de Altamirano, “El juicio: un ritual de la memoria colectiva” e “Brechas del muro”, de Graciela Perosio, são reflexões contundentes acerca do tema. Acerca do texto de Vezzetti, cabe aqui uma digressão: Beatriz Sarlo observou, em diversas ocasiões, a importância da colaboração de Hugo Vezzetti ao longo de muitos anos na revista, e assinalou, ademais, a importância da revista como espaço de publicação – “laboratório de idéias ou banco de provas” – das primeiras versões de trabalhos de muitos autores, entre eles Vezzetti, trabalhos que, depois, dariam origem a livros importantes.

O número 25, de dezembro de 1985, traz em sua abertura um dos textos mais importantes de Beatriz Sarlo, “Intelectuales. ¿Escisión o mimesis?” – depois publicado em seu livro **Paisagens Imaginárias** –, no qual analisa a formação de uma geração de intelectuais nos anos 1950 e 1960. Aventurando-se no terreno da História Intelectual, Sarlo, nas páginas de seu “banco de provas” insere-se no esforço coletivo de explicação da história dos intelectuais e das idéias na Argentina, da qual participaram, ainda, Altamirano, Terán, Sábato, Sigal, entre outros. No mesmo número ainda foram discutidas questões referentes ao marxismo (um texto de Aricó sobre a viabilidade de um marxismo latino-americano), ao pós-modernismo (a resenha é sobre Lyotard, mas Jameson freqüentava também as páginas do periódico), sobre psicanálise e literatura.

O tema “Intelectuais” foi retomado e aprofundado no número 28, de novembro de 1986, em um momento importantíssimo no que se refere à postura dos intelectuais vinculados à revista. Nesse número, textos de Altamirano, de Vezzetti e um texto coletivo

protestam contra as condições políticas e sociais no Chile e no Paraguai, defendendo, veementemente, a democracia e os direitos humanos contra a repressão. Destacam-se nesse número a tradução de “Nacional por subtração”, de Roberto Schwarz, “Clio revisitada”, de Sarlo, “La historia intelectual y sus limites”, de Hilda Sabato (importante para entender como intelectuais que produziam representações de si entendem a escrita de uma história intelectual), entre outros.

Diante das rebeliões de militares de abril de 1987, **Punto de Vista** publicou um pequeno texto na abertura do número 30, de julho de 1987, intitulado “Por una Argentina con futuro contra una Argentina oscura”, no qual protestava contra os encaminhamentos e as reivindicações daqueles indivíduos, grupos minoritários que assombravam a democracia. Em relação ao mesmo acontecimento (o levantamento da Semana Santa), Sabato, Vezzetti e Sarlo publicaram no mesmo número um texto intitulado “Los militares en la transición a la democracia”, bastante crítico sobre o evento, e Sarlo publicou, individualmente, o texto “Los militares y la historia: contra los perros del olvido”, no qual retoma e rediscute a questão da memória e de suas relações com o esquecimento. O mesmo número traz o editorial acerca dos dez anos da revista, texto longo e com características de autoreflexão sobre questões do presente e do passado, da revista e da sociedade argentina de forma mais ampla. O número 31, de novembro de 1987, bastante denso e longo (tem setenta e cinco páginas), foi dedicado essencialmente à discussão acerca da modernidade e das (im)possibilidades da modernidade na América Latina, tema que também frequentou inúmeras edições da revista.

O debate sobre a modernidade, aliás, também ocupou algumas páginas do número 32, de abril de 1988, cuja capa apresentava a diagramação multicolorida e diferenciada que marcou, ainda, os números 30 e 31. Aliás, nos números 31 e 32 apareceram pela primeira vez colaborações daquele que, segundo Beatriz Sarlo, diversificou e ampliou os horizontes intelectuais de **Punto de Vista** nos anos 1990: Adrián Gorelik, estudioso da temática das cidades. A abertura e o fechamento do número 32 foram dedicados ao debate acerca da democracia, em um momento de crise do governo Alfonsín e às vésperas de um novo processo eleitoral.

O ano de 1989 começou, em **Punto de Vista**, com a publicação de um editorial, no número 34 (abril de 1989), no qual se discutia a “audácia” ou o “aventureirismo?” de

Menem em suas primeiras medidas, que anunciavam, segundo a revista, tempos difíceis sob a égide de “uma reedição mais ou menos atualizada do peronismo na conhecida versão histórica”. Não por acaso, o Editorial citado é seguido por um texto de Hilda Sabato intitulado “Pluralismo y nación”, no qual, tomando como base as questões do presente, recompõe historicamente o debate acerca do pluralismo na sociedade argentina. Em um número que termina com dois artigos que discutem as relações entre capitalismo, desenvolvimento e democracia, podemos verificar com nitidez quais eram as principais questões que se apresentavam para **Punto de Vista**: reflexões sobre a memória e sobre a história da Argentina motivadas pelo governo Menem, além da defesa, por parte da revista, da possibilidade de ser parte de uma experiência de esquerda democrática, o que se pode notar com clareza no trecho acima transcrito.

O governo Menem proporcionou um âmbito de discussão aprofundada acerca dos rumos da democracia argentina até aquele momento. Um exemplo dessa circunstância de debates foi o texto “Indulto para nadie”, espécie de abaixo-assinado publicado na abertura do número 35 de **Punto de Vista** (setembro de 1989), no qual se criticava os indultos concedidos aos militares anteriormente condenados por seus crimes durante a ditadura.

Talvez por conta dessa situação, o número 36, de dezembro de 1989, dedicou a maior parte de suas páginas ao debate acerca da memória e do esquecimento, ou seja, das relações entre história, memória e esquecimento, tão candentes em uma época na qual **Punto de Vista** reivindicava para si o papel de lembrar os argentinos do que havia ocorrido em outros momentos com a sociedade e que parecia recrudescer com o governo Menem.

Não bastassem as polêmicas nacionais, o fim de 1989 foi marcado, no plano internacional, pela queda do Muro de Berlim. Os textos de Castoriadis, Guariglia e Sarlo publicados no número 37 da revista discutem, direta ou tangencialmente, o impacto desse acontecimento. O mesmo número trouxe um texto de Oscar Terán que resumia o que viria a ser um livro. Temas de crítica literária e sociológica marcaram o número seguinte, de outubro de 1990, com destaque para textos sobre Benjamin e Adorno e as correspondências entre eles, bem como sobre as análises dos pensadores sobre Baudelaire.

O número 39, de dezembro de 1990, abre-se com um texto de Beatriz Sarlo intitulado

“Menem”, no qual a diretora analisa o que ela acredita serem traços essenciais do presidente: “cinismo” e “excesso”. Trata-se de leitura crítica e lúcida, feita menos de dois anos depois de o presidente ter assumido a Casa Rosada. O número ainda é importante do ponto de vista historiográfico, pois traz um texto acerca da presença dos *Annales* na historiografia argentina da década de 1960, e apresenta tradução do texto de Roger Chartier, “La historia cultural redefinida: prácticas, representaciones, apropiaciones”, demonstrando a preocupação de **Punto de Vista** em discutir – o que foi dito por Sarlo – os caminhos de análise dos bens simbólicos.

A Guerra do Golfo foi o tema do número 40, de julho de 1991, no qual foram contrapostos textos coletivos de intelectuais de diferentes nacionalidades, a favor ou contra o conflito. Textos de Said e Sarlo, entre outros, aprofundaram o debate plural acerca dos acontecimentos. Encerra o volume um texto de Garcia Canclini sobre os estudos culturais nas décadas de 1980 e 1990, à guisa de balanço.

O número 41, de dezembro de 1991, abre-se com uma homenagem da revista a José Aricó, membro do Conselho recentemente morto, à qual se segue um texto de Habermas sobre o significado do socialismo que sugere uma revisão da esquerda, tema bastante discutido por **Punto de Vista** desde meados da década anterior, no qual a revista havia se envolvido de forma mais decidida desde fins dos anos 1980. Em se tratando de socialismo, nada mais oportuno do que discutir as utopias, o que foi feito no número 42, de abril de 1992, no qual ainda se discutiu o pós-modernismo e foi publicado um texto de Silvia Sigal e Oscar Terán acerca de seus livros sobre os intelectuais e os anos 1960, texto que demonstra a preocupação de **Punto de Vista** em debater as representações dos intelectuais, muitas delas que a revista criou ou ajudou a consolidar. A temática dos intelectuais continuou em debate no número 43, de agosto de 1992, aproximando-se de outro tema ligado ao quadro de preocupações da revista: os direitos humanos, e também apareceu no número 44, de novembro de 1992, no qual houve, inclusive, um esforço de aproximação da psicanálise com a cultura intelectual, feito por Vezzetti.

Cabe ressaltar que, desde o número 42, a revista adquiriu o aspecto gráfico que manteve, praticamente inalterado, até o seu encerramento, em 2008, no número 90. História, cinema e artes foram temas do número 46, de agosto de 1993, enquanto os intelectuais, mais especificamente suas atividades em fins de século, voltaram à pauta no número 47, de dezembro de 1993, em texto importantíssimo de Beatriz Sarlo. O

número 48, de abril de 1994, é basicamente dedicado aos estudos sobre cidades (sob influência de Gorelik, a essa altura uma das figuras de mais destaque da revista).

Por fim, o esforço de releitura e permanente atenção em relação ao passado reaparece com grande força nas discussões sobre memória do número 49, de agosto de 1994, entrecruzando análises sobre historiografia, cinema, literatura. Esse tema é, em verdade, um dos principais do pensamento argentino das últimas três décadas. E se as reflexões sobre a memória propostas pela revista têm o intuito de manter alerta a sociedade argentina acerca de seus dilemas e fraturas, elas de nada adiantam se não há quem as promova. Nesse sentido, o número 50, de novembro de 1994, trouxe o memorável editorial publicado em julho de 1981, no qual **Punto de Vista** se apresentou oficialmente à sociedade argentina.

Parafrazeando o título do artigo de Sarlo publicado no número 50, a revista se rerepresentava, em 1994, como “a voz universal que toma partido”, a voz dos intelectuais, plurais e diversos, que exercitaram durante treze anos a crítica e defenderam a autonomia do pensamento. Momento de novas configurações políticas na Argentina, às vésperas de um segundo governo de Menem, **Punto de Vista** parece mostrar, com esse número – o último analisado neste estudo, pela posição que ocupa no desenvolvimento de certos temas na revista –, que havia consolidado uma maneira singular de interpretar as questões do passado e do presente e de discutir a posição dos intelectuais diante dos desafios colocados pela conjuntura, produzindo [a revista] uma representação do intelectual que perduraria na sociedade argentina.

FONTES

ALTAMIRANO, Carlos. Re: Entrevista – Pesquisa. [mensagem pessoal]. Entrevista concedida a Raphael Nunes Nicoletti Sebrian. Mensagem recebida por <rsebrian@yahoo.com.br>. 03 nov. 2008.

LINK, Daniel. Campo intelectual. Disponível em: <<http://www.periodismo.com/modules/mylinks/visit.php?cid=45&lid=906>>. Acesso em: 22 mar. 2008.

REVISTA **PUNTO DE VISTA**, Buenos Aires, 1983-1994 (números 13-50). Colección completa (1978-2008) en CD-ROM. Buenos Aires, 2009.

SARLO, Beatriz. “La hacíamos por nosotros más que por los lectores”. 30 de março de 2004. **Página 12**, Buenos Aires. Entrevista concedida a Silvina Frieri. Disponível em: <<http://www.pagina12.com.ar/diario/cultura/7-33440-2004-3-30.html>>. Acesso em 22 mar. 2008.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEIRED, José Luis Bendicho. **Breve história da Argentina**. São Paulo: Ática, 1996.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. Cuadernos Hispanoamericanos – Idéias políticas numa revista de cultura. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, p. 344-370, 2005.
- OLMOS, Ana Cecilia Arias. **Revistas culturales de la transición: prácticas políticas y estrategias de intervención cultural – una lectura comparada de “Punto de vista” y “Novos Estudos Cebrap”**. 2000. Tese (Doutorado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) – FFLCH-USP, São Paulo, 2000.
- PATIÑO, Roxana. Culturas en transición: reforma ideológica, democratización y periodismo cultural en la Argentina de los ochenta. **Revista Interamericana de Bibliografía/Inter-American Review of Bibliography**, v. XLVIII, 1998.
- _____. Intelectuales en transición. Las revistas culturales argentinas (1981-1987). **Cuadernos de Recienvenido**, São Paulo, n. 4, 1997.
- PUCCIARELLI, Alfredo Raúl (coord.). **Los años de Alfonsín. ¿El poder de la democracia o la democracia del poder?** Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2006.
- PUNTO DE VISTA. Un nuevo colectivo intelectual. BazarAmericano.com, Buenos Aires, 2004. Disponível em: <http://www.bazaramericano.com/revista/nuevocolectivo_renuncias.htm>. Acesso em: 16 ago. 2007.
- RODRIGUES [DA SILVA], Helenice. A História Intelectual em questão. In: LOPES, Marcos Antonio (org.). **Grandes nomes da história intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 15-25.
- _____. **Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas**. Campinas, SP: Papyrus, 2002.
- SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. **América. Cahiers du CRICCAL. Les discours culturel dans les revues latino-américaines de 1940 à 1970**, Paris, n. 9-10, 1992.
- _____. **La batalla de las ideas**. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007.
- _____. Punto de Vista: una revista en dictadura y en democracia. SOSNOWSKI, Saul (org.). **La cultura de un siglo: América Latina en sus revistas**. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1999, p. 525-536.
- SCHWARTZ, Jorge; PATIÑO, Roxana. Introducción. **Revista Iberoamericana**, Pittsburgh, v. 1, n. 208-209, p. 647-650, jul./dez. 2004.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231-269.
- TERÁN, Oscar. Ideas e intelectuales en la Argentina, 1880-1980. In: _____ (coord.). **Ideas en el siglo. Intelectuales y cultura en el siglo XX latinoamericano**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2004, p. 13-95.